

O MANIFESTO CAPITALISTA

COM O ALTO PATROCÍNIO DE





TÍTULO ORIGINAL

The Capitalist Manifesto

Why the Global Free Market Will Save the World

TÍTULO

O Manifesto Capitalista:

O mercado livre global irá salvar o mundo.

Como? Porquê?

AUTOR

Johan Norberg

© Johan Norberg, 2023

© Guerra e Paz, Editores, Lda., 2024

Reservados todos os direitos

ACOMPANHAMENTO EDITORIAL

Maria José Batista

TRADUÇÃO

Sara Sousa Gomes

REVISÃO

Carolina Delgado

DESIGN DE CAPA

Ilídio J.B. Vasco

PAGINAÇÃO

D. Dias

FOTOGRAFIA DO AUTOR

Eli Sverlander

ISBN: 978-989-576-137-1

DEPÓSITO LEGAL: 537433/24

1.ª EDIÇÃO: Novembro de 2024



GUERRA & PAZ

GUERRA E PAZ, EDITORES, LDA.

R. Conde de Redondo, 8-5.º Esq.

1150-105 Lisboa

Tel.: 213 144 488

E-mail: guerraepaz@guerraepaz.pt

www.guerraepaz.pt

OS LIVROS **NÃO** SE RENDEM

O Manifesto Capitalista

**O mercado livre global
irá salvar o mundo.
Como? Porquê?**

TRADUÇÃO
Sara Sousa Gomes

**Johan
Norberg**



GUERRA & PAZ

ÍNDICE

PREFÁCIO: O QUE ACONTECEU A REAGAN E A THATCHER?	11
1. A VIDA SOB O CAPITALISMO SELVAGEM	23
2. AO SERVIÇO UNS DOS OUTROS	52
3. O SILÊNCIO DA SIRENE DA FÁBRICA	80
4. EM DEFESA DO 1 %	111
5. MONOPÓLIO OU MINECRAFT?	134
6. ESCOLHER OS PERDEDORES	163
7. CHINA, TIGRE DE PAPEL.	183
8. MAS, E O PLANETA?.	204
9. O SENTIDO DA VIDA.	231
EPÍLOGO: O CONCURSO DE CANTO DO IMPERADOR	257
ÍNDICE REMISSIVO	264

PREFÁCIO

O que aconteceu a Reagan e a Thatcher?

«Actualmente, ninguém está particularmente interessado na globalização, excepto talvez Johan Norberg.»

Po TIDHOLM, rádio pública sueca, 29 de Maio de 2020

Há 20 anos escrevi um livro em defesa do capitalismo global. Nunca pensei que o faria. O capitalismo, pensava eu, era uma questão que interessava a monopolistas gananciosos e a poderosos proprietários de terras. Contudo, depois comecei a estudar o mundo e apercebi-me de que era nas sociedades menos baseadas na economia de mercado que essas elites estavam protegidas da livre escolha dos cidadãos e, portanto, tinham maior poder. Paradoxalmente, era o capitalismo – sob a forma de mercados livres e acordos voluntários baseados na propriedade privada – que ameaçava os poderosos. O argumento a favor do capitalismo não assenta no facto de os capitalistas agirem sempre bem – se assim fosse, podíamos dar-lhes o poder de monopólio sem nenhum problema – mas no facto de, muitas vezes, estes *não* agirem bem, a não ser que sejam obrigados a fazê-lo. E é a liberdade de escolha e a concorrência que os obriga a isso.

De facto, Marx e Engels tinham razão quando referiram, naquele outro manifesto, o comunista, de 1848, que os mercados livres tinham criado, em pouco tempo, uma maior prosperidade e mais inovação tecnológica do que todas as gerações anteriores juntas e que, com comunicações infinitamente melhores e bens acessíveis, os mercados livres tinham derrubado as estruturas feudais e a estreiteza de espírito nacionalista. Marx e Engels perceberam muito melhor do que os actuais socialistas que o mercado livre é uma força progressista formidável. (Infelizmente, não

tinham uma mentalidade suficientemente dialéctica para compreender que o comunismo era uma contraforça reaccionária que levaria as sociedades de volta a uma espécie de feudalismo electrificado.)

Um século e meio depois, o capitalismo global permitiu que cada vez mais pessoas se libertassem dos senhores feudais e dos monopólios. O crescimento dos mercados deu-lhes a oportunidade de escolher, de negociar e de dizer «não» pela primeira vez. O comércio livre forneceu-lhes bens mais baratos, novas tecnologias e acesso a consumidores de outros países, tirando milhões e milhões de pessoas da fome e da pobreza.

No entanto, na viragem do milénio, o capitalismo foi alvo de um ataque feroz. Um movimento internacional anticapitalista queria que o governo assumisse um maior controlo da economia com uma onda de taxas, regulamentos e impostos. Houve manifestações enormes contra as negociações da Organização Mundial do Comércio (OMC) que visavam uma maior abertura dos mercados. O comércio livre, o investimento estrangeiro e as empresas multinacionais foram acusados de empobrecer ainda mais os pobres. A Attac (Associação para a Taxação das Transacções Financeiras para a Ajuda aos Cidadãos), um movimento proteccionista francês de esquerda, espalhou-se rapidamente por toda a Europa. Eu via-os como uma contraforça reaccionária que privaria as sociedades pobres das liberdades que tinham começado a conquistar.

Compilei os meus argumentos contra a Attac no livro *In Defence of Global Capitalism*, publicado em 2001. Tratava-se de um manifesto liberal clássico sobre a razão pela qual a justiça global exige mais capitalismo, não menos. Saber escolher o momento certo é tudo e o livro tornou-se um sucesso de vendas internacional, traduzido em mais de 25 línguas, incluindo o árabe, o persa, o turco, o chinês e o mongol.

E, finalmente, o debate sobre a globalização começou a mudar. Os apoiantes das economias abertas começaram a ripostar. Os seus opositores eram muitas vezes movidos por uma real indignação em relação à pobreza e à injustiça a nível mundial. Nós, os partidários do comércio livre, podíamos partir desta base comum e mostrar – com explicações realistas e estatísticas claras – que precisávamos de mercados mais livres para combater a pobreza e a fome. Quanto mais discutíamos, mais parecia que os opositores se apercebiam de que a questão não era tão simples como supunham, e parte da oposição começou a mudar de ideias. Haviām

A vida sob o capitalismo selvagem

«[Depois de 1990,] o capitalismo ficou subitamente livre para cair na sua forma mais selvagem.»

NAOMI KLEIN⁸

Há 20 anos, foi com um capítulo sobre a forma como o mundo actual estava a melhorar mais depressa do que nunca que iniciiei o meu livro *In Defence of Global Capitalism*. Ataquei a percepção popular de que o mundo estava a ficar pior, mais perigoso e injusto, e que os pobres estavam a empobrecer. Em 1999, o Banco Mundial afirmou que «a pobreza mundial tinha aumentado e as perspectivas de crescimento haviam diminuído nos países em desenvolvimento». O famoso activista americano Ralph Nader declarou: «A essência da globalização é a subordinação dos direitos humanos, dos direitos ambientais e dos direitos da democracia aos imperativos do comércio e do investimento globais.» Ou, como o arcebispo da Suécia resumiu o estado do mundo: «a nossa viagem conduz-nos directamente ao inferno».⁹ Em contrapartida, falei dos progressos estranhamente não anunciados que vi nos países pobres que haviam começado a liberalizar as suas economias e que tinham agora melhores rendimentos, produção agrícola, nutrição, saúde, vacinação e educação.

⁸ Naomi Klein, *The Shock Doctrine: The Rise of Disaster Capitalism*, Allen Lane, 2007, p. 252.

⁹ Em 1999 e 2000, estas palavras pessimistas do Banco Mundial serviram de introdução a prefácios de muitos dos documentos e relatórios da instituição. *Vide*, por exemplo, a sua «1999 review of development effectiveness», World Bank 1999. Nader citado em Gary Wells, Robert Shuey & Ray Kiely, *Globalization*, Novinka Books, 2001, p. 23. Arcebispo K. G. Hammar entrevistado em *Arena*, n.º 6, 2000.

Na altura, não foi fácil obter tais informações. Por alguma estranha razão, as organizações internacionais financiadas por impostos ainda preferiam manter em segredo os dados que tinham recolhido. Tivemos de esperar quatro anos para a Gapminder ser fundada e Hans Rosling¹⁰ começar a preencher as lacunas do nosso conhecimento sobre o progresso mundial de uma forma lúdica e facilmente acessível, e dez anos para Max Roser começar a *Our World in Data*¹¹, na qual é compilada uma quantidade incrível de estatísticas fáceis de utilizar.¹² Contudo, o que encontrei foi suficiente para me impressionar e mudar completamente a visão do mundo com que cresci.

Fiquei especialmente fascinado pelo facto de a pobreza extrema global, ao contrário do que afirma o Banco Mundial, mas de acordo com os seus próprios dados, parecer ter diminuído de 38 % para 29 % na década de 1990.¹³ Expliquei que a pobreza continuava a diminuir de forma célere e apresentei uma previsão extremamente optimista de que esta poderia ser reduzida para metade até 2015. Esta previsão foi largamente ultrapassada. Em 2015, a pobreza extrema rondava os 10 %.

¹⁰ Em 2005, Ola Rosling, Anna Rosling Rönnlund e Hans Rosling fundaram a Fundação Gapminder, uma empresa sem fins lucrativos, com sede em Estocolmo, que promove o desenvolvimento global sustentável e o cumprimento dos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio das Nações Unidas (ODM), aumentando o uso e a compreensão de estatísticas e outras informações sobre o desenvolvimento social, económico e ambiental a nível local, nacional e mundial. (*N. de T.*)

¹¹ Publicação digital criada em 2011 por Max Roser, sob a tutela da Universidade de Oxford, especializada em produzir visualizações de dados interactivas, principalmente gráficos e mapas, além de análises críticas sobre o que impulsiona o desenvolvimento, os factores que levam às mudanças observadas e às suas consequências no mundo. Abrange um vasto leque de tópicos, como, por exemplo: violência, direitos, guerras, tendências na saúde, cultura, eficiência energética, educação e mudanças ambientais. (*N. de T.*)

¹² Recomendo vivamente estas verdadeiras «minas de ouro» que revolucionaram o acesso ao conhecimento.

¹³ Na primeira edição, indiquei 29 % e 23 %, respectivamente, mas, desde então, o Banco Mundial aumentou a sua definição de pobreza de um nível de consumo de 1,2 dólares para 2,15 dólares por dia, ajustado à inflação e aos preços locais. Neste livro, utilizo sempre este novo e mais elevado nível de pobreza. Os dados sobre a pobreza global provêm da PovcalNet do Banco Mundial, <http://research.worldbank.org/PovcalNet/>, da sua Plataforma de Pobreza e Desigualdade, <https://pip.worldbank.org/>, e do Banco Mundial, «Correcting course: Poverty and shared prosperity 2022», Grupo do Banco Mundial, 2022.

Entre 2000 e 2022, a pobreza extrema diminuiu de uma forma nunca vista – baixando de 29,1 % da população mundial para 8,4 %. (Em 1981, o número era de mais de 40 %.) Pela primeira vez na História, menos de uma em cada dez pessoas era pobre. Apesar do facto de a população mundial ter aumentado em mais de 1,5 mil milhões de pessoas durante este período, o número de pobres diminuiu em mais de 1,1 mil milhões. Nunca acontecera nada de tão bom à humanidade. Nunca, ao longo da sua existência, as implacáveis privações a que a maior parte da humanidade esteve sujeita haviam sido afastadas tão depressa e em tantas partes diferentes do mundo. É um desenvolvimento tão notável que devo admitir que tenho dificuldade em levar a sério os escritores e os especialistas que não o tomam como ponto de partida central na análise do nosso tempo.

Uma objecção comum é que esta redução da pobreza não é real porque «se trata apenas da China». É um pouco estranho descartar um país que possui um em cada cinco habitantes do mundo quando se fala de desenvolvimento global. Além disso, é errado. Mesmo que se retire a China do conjunto de dados de 1990-2019, a verdade é que a pobreza global foi reduzida em quase dois terços, passando de 28,5 % para cerca de 10 %.

Durante a era da globalização, o desenvolvimento dos países mais pobres do mundo tem sido tão forte que a pobreza extrema na Ásia Oriental e Meridional, na América Latina e no Médio Oriente é hoje inferior à que existia na Europa Ocidental em 1960, uma época que actualmente recordamos como o *boom* do pós-guerra. Em 1960, só na África Subsariana tínhamos um nível de pobreza mais elevado do que na Europa Ocidental.¹⁴

O economista e prémio Nobel Angus Deaton escreveu:

Há quem defenda que a globalização é uma conspiração neoliberal concebida para enriquecer muito poucos à custa de muitos. Se assim for, essa conspiração foi um fracasso desastroso – ou ajudou mais de mil milhões de pessoas como consequência não intencional. Se ao menos as consequências não intencionais fossem trabalhadas de forma tão favorável.¹⁵

¹⁴ Michail Moatsos, «Global extreme poverty: Present and past since 1820», *How Was Life Part II: New Perspectives on Well – Being and Global Inequality Since 1820*, OCDE, 2021.

¹⁵ Angus Deaton, «Thinking about inequality», *Cato's Letter*, vol. 15, n.º 2, 2017.

Outros indicadores que analisei continuaram a registar melhorias muito rápidas, em parte porque a tecnologia se tornou mais barata e porque o poder de compra local aumentou.¹⁶ Entre 1990 e 2020, a percentagem de crianças que morreu antes dos cinco anos diminuiu de 9,3 % para 3,7 %. Apesar de a população actual ser significativamente maior, isto significa que morrem anualmente menos 7,5 milhões de crianças do que no início da década de 1990.¹⁷ Durante o mesmo período, a mortalidade materna diminuiu em mais de 55 %.

A esperança de vida a nível mundial aumentou de 64 para quase 73 anos entre 1990 e 2019. A proporção da população mundial com educação básica disparou e as taxas de analfabetismo diminuíram quase para metade: de 25,7 % para 13,5 %. No grupo etário dos 15 aos 24 anos, a taxa de analfabetismo é agora ligeiramente superior a 8 %. Entre 2000 e 2020, o trabalho infantil no grupo etário dos 5 aos 17 anos diminuiu globalmente de 16 % para pouco menos de 10 %.¹⁸

Nas três décadas que se seguiram a 1990 – quando o capitalismo, segundo Naomi Klein, envolveu o planeta na sua «forma mais selvagem» –, assistimos a maiores melhorias nas condições de vida humana do que nos três milénios anteriores juntos. Foram também três décadas difíceis, cheias de guerras, crises e injustiças. Não estou a dizer que esta era tenha sido inequivocamente boa, mas apenas que foi melhor do que qualquer outra era que a humanidade tenha vivido.

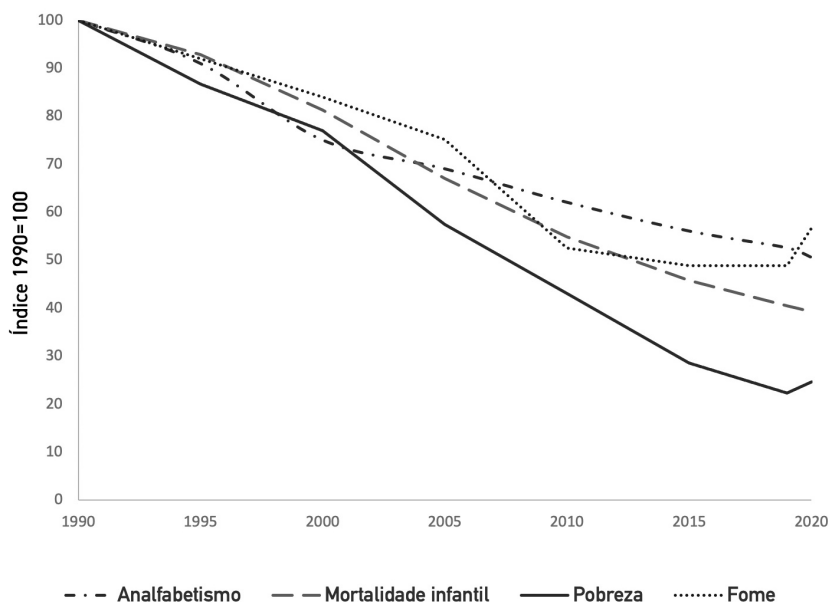
A pandemia inverteu alguns ganhos – quando o mundo se fechou e o comércio, a migração e a educação foram bloqueados. Parece que a esperança de vida recuou para os 71 anos em 2021, e o número de pessoas em situação de pobreza extrema aumentou provavelmente em quase 70 milhões durante o primeiro ano da pandemia. Com base em várias estimativas sobre o rendimento, a pobreza e a saúde, o mundo recuou dois a três anos no tempo em resultado da pandemia. É difícil imaginar uma prova mais forte

¹⁶ Os números seguintes são retirados dos Indicadores de Desenvolvimento Mundial do Banco Mundial, <https://databank.worldbank.org/source/world-development-indicators>. Para mais informações sobre estas estatísticas e em que se baseiam, ver Johan Norberg, *Progress: Ten Reasons to Look Forward to the Future*, Oneworld, 2016.

¹⁷ <https://data.unicef.org/topic/child-survival/under-five-mortality/>.

¹⁸ Organização Internacional do Trabalho e Fundo das Nações Unidas para a Infância, «Child labor: Global estimates 2020, trends and the road forward», OIT e UNICEF 2021.

Progresso Global: 1990-2020¹⁹



e mais trágica de que o progresso depende de sociedades e economias abertas do que a catástrofe de um confinamento mundial. A partir de 2021, quando o mundo se abriu, a pobreza extrema começou a diminuir de novo – nesse ano, em cerca de 30 milhões de pessoas.

A DISTRIBUIÇÃO DO CAPITALISMO

Poder-se-ia argumentar que uma pessoa que é míope de um olho e hipermetrope do outro tem, em média, uma visão perfeita. Todos os números anteriormente referidos são médias e incluem países que ficaram para trás ou que entraram mesmo em colapso devido a guerras ou ditaduras. Isto significa que, noutros locais, o progresso foi ainda maior. Estes

¹⁹ Este é um gráfico de índice, em que a proporção afectada em 1990 é fixada em 100 % para acompanhar as mudanças. Os meus cálculos baseiam-se, respectivamente, em números da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, do Banco Mundial, da UNESCO e da ONU.

países de sucesso encontram-se em todos os continentes e pertencem a todos os domínios culturais. O único denominador comum é o facto de, por uma razão ou por outra, terem dado aos seus cidadãos um pouco mais de liberdade para inovar, criar, trabalhar, comprar e vender.²⁰

Podemos verificar isso observando quando e onde, historicamente, as economias descolaram. Durante os primeiros 1800 anos da Era Comum, o rendimento médio global quase não se alterou. Porém, há 200 anos, subitamente, algo aconteceu na que era então a economia mais livre do mundo: a Grã-Bretanha. A Revolução Industrial começou a criar um crescimento rápido, reduzindo, entre 1820 e 1850, para metade a taxa de pobreza extrema da Grã-Bretanha, algo completamente sem precedentes. Depois, seguiu-se-lhe a Europa Ocidental e os Estados Unidos, que começaram a assumir a posição de economia mais livre. As economias escandinavas iniciaram a sua liberalização em meados do século XIX, tendo, durante cem anos, um desenvolvimento económico mais rápido do que qualquer outro país, com excepção do Japão, que abriu a sua economia após a Restauração Meiji de 1868 e, em meio século, reduziu a pobreza de 80 % para pouco mais de 20 %.²¹

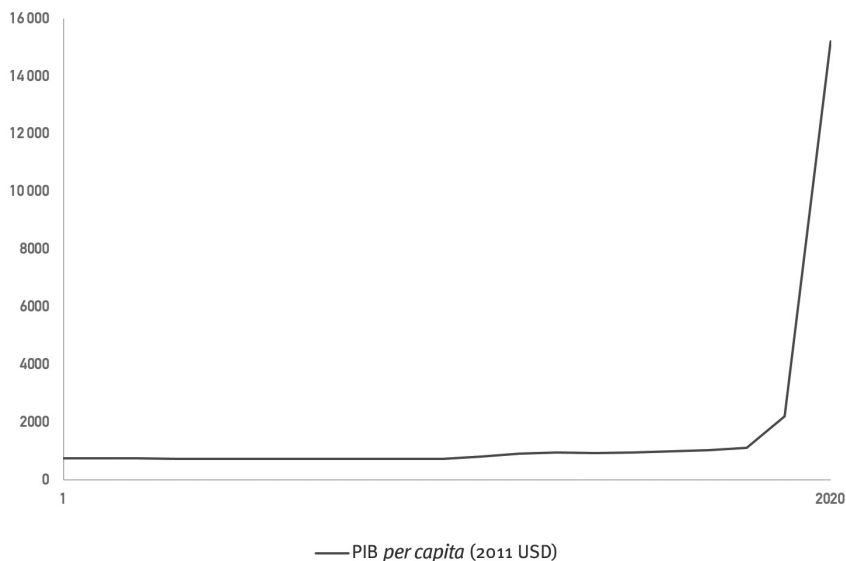
Contudo, a maior parte do Sul e do Leste, que estava sujeita a líderes autocráticos e a senhores coloniais com economias de comando, estagnou. O famoso sociólogo Max Weber sentiu-se obrigado a escrever livros sobre as razões pelas quais o confucionismo e o hinduísmo dificultavam a modernização das sociedades e das economias. Habituaamo-nos a dividir o mundo em países industrializados e países em desenvolvimento – ricos e pobres.

No entanto, quatro tigres do Leste Asiático iriam em breve perturbar a nossa visão do mundo. A colónia britânica de Hong Kong e a cidade-Estado de Singapura fizeram o contrário de todos os outros países

²⁰ Os dados sobre o PIB *per capita* apresentados neste capítulo são ajustados em função do poder de compra e da inflação. Para o período posterior a 1990, utilizo os Indicadores de Desenvolvimento Mundial do Banco Mundial, <https://databank.worldbank.org/source/world-development-indicators>. Antes de 1990, utilizo o Projecto Maddison, uma continuação da ambiciosa série de dados históricos produzida pelo historiador económico Angus Maddison. www.rug.nl/ggdc/historicaldevelopment/maddison/.

²¹ As estimativas da pobreza histórica em países que actualmente são ricos podem ser encontradas em Martin Ravallion, *The Economics of Poverty: History, Measurement and Policy*, Oxford University Press, 2016, cap. 1.

PIB mundial *per capita* entre os anos 1-2020²²



e abriram as suas economias, sem barreiras comerciais. Os especialistas afirmavam que o comércio livre iria destruir os pequenos sectores de produção que possuíam, mas, pelo contrário, estes países industrializaram-se a um ritmo recorde e chocaram o resto do mundo ao tornarem-se ainda mais ricos do que o antigo senhor colonial, a Grã-Bretanha.

Taiwan e a Coreia do Sul aprenderam com isto e começaram a liberalizar as suas economias com resultados surpreendentes.²³ O seu rápido crescimento permitiu-lhes, em poucas gerações, deixar de fazer parte dos países mais pobres do mundo para passar a fazer parte de alguns dos mais

²² Sim, o gráfico está ajustado à inflação, convertido para valores em dólares americanos à cotação de 2011. Se protestar contra o facto de isto se basear em estimativas heróicas e em adivinhações que raíam a insanidade, tem razão, mas, mesmo que contenha erros enormes todos os anos, isso não afectaria o aspecto geral do gráfico. As fontes são Angus Maddison, *The World Economy: A Millennial Perspective*, OCDE, 2001, Angus Maddison, *The World Economy: Historical Statistics*, OCDE, 2003, e Maddison Project Database 2020.

²³ Sim, também tiveram episódios de substituição de importações e de política industrial – todos os países pobres passaram por isso – mas durante um período mais curto e de forma menos prolongada do que outros. Para um estudo sobre a importância central da abertura para estes países, ver Arvind Panagariya, *Free Trade and Prosperity: How Openness Helps Developing Countries Grow Richer and Combat Poverty*, Oxford University Press, 2019.